

O FESTEJO DO TAMBOR MINEIRO: ENTRELAÇANDO SABERES E CORP(ORALIDADES)¹

Raquel Rocha Nunes,

Universidade Federal da Bahia (UFBA)

Mauricio Lino Moreira,

Associação Cultural Tambor Mineiro (ACTM)

José Alfredo Oliveira Debortoli,

Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG)

RESUMO

Este estudo buscou compreender as possibilidades de um lazer outro e trouxe olhares para os saberes e as corp(oralidades) do Festejo do Tambor Mineiro. Uma festa negra, pública e na rua que nos permitiu chegar em seus sentidos e significados, como também pensar a cultura popular e as resistências no contexto da cidade de Belo Horizonte. Nesse sentido, nos aproximamos de uma abordagem etnografia a partir da imersão no contexto e a entrevista com o mestre Maurício Tizumba.

PALAVRAS-CHAVE: Lazer; Cultura Popular; Corporalidade.

INTRODUÇÃO

O Festejo do Tambor Mineiro² nasce dos ensejos de luta, da festa e de fé de mestre Mauricio Tizumba. Ele quem nos acolheu nessa trajetória e embarcou nessa construção que busca trazer outros saberes e formas de produção da vida para os espaços hegemônicos. Tizumba é mestre de nossa cultura popular, seus saberes estão entrelaçados ao seu cotidiano e suas experiências no terreiro de candomblé e nos Reinados de Nossa Senhora do Rosário.

Em 2002 a Rua Ituiutaba se colore de povo e nos convida a outra relação com o tempo e o território do urbano. O Festejo traz para a centralidade a narrativa da fé em Nossa Senhora do Rosário com as guardas de congo e moçambique e vai para além, artistas negros da cena

¹ O presente trabalho contou com o apoio financeiro da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES).

² Este trabalho é fruto de reflexões da dissertação de mestrado intitulada “Lazer, Cultura e Resistência no Contexto Urbano: dos tambores e ritmos africanos ao Festejo do Tambor Mineiro” orientada pelo Mestre Maurício Tizumba e pelo Prof. Dr. José Alfredo Oliveira Debortoli.

da cidade também se juntam aos congadeiros, e possibilitam que outras vozes, corpos e espiritualidades ecoem no contexto urbano.

A festividade acontece ao longo do dia. Pela manhã, as guardas se achegam para um café da manhã no Tambor Mineiro e depois realizam seu cortejo pela rua até chegarem ao altar, onde realizam seus rituais festivos e de fé a Nossa Senhora do Rosário e aos outros santos do congado mineiro, como São Benedito e Santa Efigênia. Tizumba é quem recebe as guardas no altar e ali são entoados pontos e rezas acompanhados pelo toque dos tambores, das gungas e dos patangomes. É a conexão entre vivos e encantados, céu e terra. E como diz o ponto de congado: “Tá caindo fulô”.

Após o ritual festivo de todas as guardas presentes, os grupos percussivos da cidade de Belo Horizonte, como Tamborilata e Tambolelê, as turmas de pandeiro, atabaque, tambor e gunga do Tambor Mineiro e outros artistas negros da cena local encantam e dão continuidade a festividade, que a todo o momento traz para a centralidade as bonitezas da ancestralidade e as lutas cotidianas de um povo.

Vivemos a experiência do Festejo do Tambor Mineiro buscando compreender as potencialidades de uma festa negra, pública e na rua no contexto da cidade de Belo Horizonte, assim como as narrativas de quem vive a fé em Nossa Senhora do Rosário e os sentidos e significados da festividade. Nesse sentido, o Festejo nos provocou a compreensão de um lazer contra hegemônico, assim como nos convidou a olhar para as corp(oralidades).

MOVIMENTOS METODOLÓGICOS

É *de perto e de dentro* (MAGNANI, 2002) que nos achegamos para partilhar a manifestação cultural e de fé do Festejo do Tambor Mineiro trazendo provocações e entrelaçamentos com o campo dos estudos do lazer. Nesse sentido, o processo de imersão no contexto do Tambor Mineiro, a participação no processo de preparação da festividade e o dia da festa, nos impôs percorrer alguns caminhos.

Assim, realizamos uma revisão bibliográfica acerca da história dos Reinados de Nossa Senhora do Rosário e as construções com os campos de estudos do lazer e da cultura popular. Utilizamos da observação-participante, registros de campo e fotográficos que nos aproximaram das cenas e dos sentidos e significados da prática social. Desde o início da construção já sabíamos da importância de Tizumba no cenário do Tambor Mineiro e do

congado mineiro, assim a caminhada e os laços foram se estreitando. Tizumba se aproxima também como autor desse trabalho e nos possibilitou a realização de uma entrevista semiestruturada que nos aproximou dos entendimentos, sensibilidades, ensejos e lutas do mestre.

OUTRO LAZER É POSSÍVEL: SABERES DE FÉ, DA LUTA E DA FESTA

Assumimos neste trabalho a compreensão do lazer como dimensão da cultura (GOMES, 2014) e buscamos pensá-lo também em uma perspectiva contra hegemônica (GOMES e ELIZALDE, 2014) entrelaçando a experiência do Festejo do Tambor Mineiro, o que nos provocou a trazer para o diálogo as dimensões da fé, da luta e da festa. Da prática que vem da cultura popular, das manifestações de fé afro-brasileiras, corroboramos também com o entendimento de Luís Vitor Castro Júnior (2014) acerca de um lazer popular:

Os múltiplos efeitos do lazer popular são expressões criadas pelos subalternos que estão contidas na improvisação, na arte do tocar, dançar e jogar, criadores de práticas inovadoras, interlocutores entre passado-presente-futuro, potencializador de memórias coletivas e individuais. Enfim, uma plenitude das paixões humanas (CASTRO JÚNIOR, 2014, p. 20).

O corpo que toca, dança e se constrói na partilha com os seus no Festejo do Tambor Mineiro nos revela a dimensão da festa, entendendo a prática como “um acontecimento cultural inacabado, em processo, abarca confirmações, resistências, trocas, redes de sociabilidade, que se pronunciam nas relações entre culturas interpretadas nos seus diversos contextos” (ROSA, 2004, p. 89).

Nesse sentido, compreendemos o lazer também como “participação e produção poética da vida social” (DEBORTOLI, 2012, p.15), e assim, capaz de potencializar as bonitezas da experiência do Festejo do Tambor Mineiro, onde as cores e sons vibram, mas que também trazem a narrativa de um povo de luta, em que ser negro em um país racista e ocupar o espaço urbano é um ato político, um ato de resistência. E por ser político e na rua, abre espaço para o diálogo. Como Tizumba afirma:

Muita gente da cidade não conhece esse tipo de festa, juro por Deus e juro que até hoje tem um monte de gente que não sabe da nossa existência. Não sabe da nossa existência. (...) Então, mas é bom que as pessoas ficam

conhecendo, que possam respeitar o povo negro. Os que são devotos do Rosário. Que passam a respeitar essa cultura, à medida que as pessoas vão conhecendo melhor. As pessoas podem entrar aqui, as pessoas ficam no meio das guardas de congado, tem até a possibilidade de chegar e conversar com essas pessoas, conhecer essas pessoas porque é uma forma também de aproximar e isso quebra também alguns preconceitos. (Entrevista Maurício Tizumba, 23 de Dezembro de 2019)

Nesse sentido, o Festejo do Tambor Mineiro ocupa as ruas com a narrativa da fé em Nossa Senhora do Rosário e nos abre caminhos para pensar os elos da dimensão do sagrado e do lazer. Elos que se criam no som dos tambores, das gungas e dos patangomes, com as danças circulares que conectam vivos e encantados e assim, potencializam nossos olhares para o corpo na roda e suas narrativas. Um convite para nos achegarmos nas corp(oralidades).

AS CORP(ORALIDADES)

Ao trazer para a centralidade a prática festiva a partir da expressão do Festejo do Tambor Mineiro, em constante diálogo com a cultura popular, somos provocados a outras formas de produção da vida e inscrição no mundo, e assim a narrativa da oralidade se faz presente e potente. Assim, Mestre Pedrina afirma que: “A transmissão de conhecimento através da oralidade é da tradição africana. É assim, de geração em geração, que a história verdadeira deste povo consolida-se entre os que percebem tamanha beleza” (Mestra Pedrina de Lourdes Santos, 2017)³.

Para pensar a oralidade, nos atentamos para os escritos de Leda Maria Martins (2003), que em um primeiro movimento vem como compreensão da construção histórica de silenciamento de saberes outros que não se produziam na forma hegemônica, a escrita, mas que nos convidavam “a outras fontes possíveis de inscrição, resguardo, transmissão e transcrição de conhecimento, práticas, procedimentos, ancorados no e pelo corpo, em performance” (MARTINS, 2003, p.65). E nesse sentido, a autora afirma que a oralidade vai para além das narrativas orais, ela nos convida ao corpo em performance, e assim, nossa provocação para pensar as corp(oralidades) e os olhares para o corpo festivo, assim:

³ Trecho transcrito da aula da Mestra Pedrina de Lourdes Santos, capitã da Guarda de Massambique de Nossa Senhora das Mercês de Oliveira/Minas Gerais, em uma de suas aulas ministradas no curso “Catar Folhas”: Saberes e Fazeres do Povo de Axé. Disponível em: <https://www.saberestradicionais.org/videoaula-com-mestra-pedrina-de-lourdes-santos-02a/>

(...) o corpo festivo que é sempre revelador: um corpo que festeja, narrando os seus saberes e seus desejos; um corpo que fala com seus gestos e com suas formas de expressões; um corpo visível, escuro e claro, mas bem colorido; um corpo odor de diferentes cheiros; um corpo que escuta, canta e grita; uma plasticidade corpórea, um olhar esquisito, uma encenação cômica e trágica, um enredo de devoção, de fé e de divertimento, um entre toque dos corpos na multidão (CASTRO JÚNIOR, 2014, p. 29).

Nesse sentido, o Festejo do Tambor Mineiro nos convida a pensar o corpo e a oralidade, um convite para as narrativas das corp(oralidades) e assim, nos permite “desvelar os significados da história que é narrada pelos corpos nas danças, rezas, cantos e instrumentos” (NUNES, 2020, p.137). Pela complexidade dos rituais festivos e das dimensões ancestrais, essa corp(oralidade) se estende para “o entendimento acerca das relações que se estabelecem entre os corpos com os objetos sagrados, com a vestimenta, com todo o processo de preparação para estar ali festejando” (NUNES, 2020, p.137).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Esse movimento de escrita vem como uma provocação para nossos movimentos de pesquisa, da busca por olhares outros que afirmem nossa cultura popular, outras formas de produção da vida e nossa existência latino-americana. Das bonitezas às lutas da ancestralidade, da prática festiva como produção poética e de fé da vida, mas também como resistência. Percurso este que nos permite chegar com ensejos de sulear nossas construções a partir dos saberes que resistem e emergem na nossa diversidade de práticas corporais, e nesse sentido nos questionamos: “Como apontar novos caminhos metodológicos para o meio acadêmico de forma a (re)conhecer os saberes que não são escritos, mas sim, inscritos nos corpos a partir de diversos modos de ser e estar no mundo?” (NUNES, 2020, p. 123).

O sagrado e a expressão cultural e de fé do Festejo do Tambor Mineiro nos abriu caminhos para as corp(oralidades) de um povo de fé, de luta e de festa. A compreensão de um lazer contra hegemônico que resiste às estruturas racistas da sociedade. Salve o Rosário de Maria!



CONBRACE
CONICE 2021
DE 12/09 A 17/12

Educação Física e
Ciências do Esporte
no tempo presente:

Defender Vidas,
Afirmar as Ciências

THE FESTEJO DO TAMBOR MINEIRO: INTERLACING KNOWLEDGE AND CORP(ORALITIES)

ABSTRACT

This study sought to understand the possibilities of a different leisure and brought views to the knowledge and body of Festejo do Tambor Mineiro. A black, public and street party that allowed us to get to its senses and meanings, as well as to think about popular culture and as resistances in the context of the city of Belo Horizonte. In this sense, we approach an ethnographic based on immersion in the context, photographic records and an interview with the master Mauricio Tizumba.

KEYWORDS: *Leisure; Popular Culture; Corporeality.*

EL FESTEJO DO TAMBOR MINEIRO: ENTRELZANDO CONOCIMIENTO Y CORP(ORALIDADE)

RESUMEN

Este estudio buscó comprender las posibilidades de otro ocio y aportó conocimientos sobre el conocimiento y los cuerpos del Festejo do Tambor Mineiro. Una fiesta negra, pública y callejera que nos permitió entrar en sus sentidos y significados, así como pensar en la cultura popular y la resistencia en el contexto de la ciudad de Belo Horizonte. En este sentido, abordamos un enfoque etnográfico basado en la inmersión en el contexto, los registros fotográficos y la entrevista al maestro Maurício Tizumba.

PALABRAS CLAVES: *Ócio; Cultura Popular; Corporeidad;*

REFERÊNCIAS

CASTRO JUNIOR, Luís Victor. **Festa e corpo:** as expressões artísticas e culturais nas festas populares baianas. 2014.

DEBORTOLI, José Alfredo Oliveira. Lazer, envelhecimento e participação social. **Licere**, Belo Horizonte, v.15, n.1, mar. 2012. Disponível em: <http://periodicos.ufmg.br/index.php/licere/article/download/739/540/3338>. Acesso em: 14 de maio de 2021.

GOMES, C. L. Lazer: necessidade humana e dimensão da cultura. **Revista Brasileira de Estudos do Lazer**, Belo Horizonte, v. 1, n. 1, p. 3-20, jan./abr. 2014.

GOMES, Christianne L.; ELIZALDE, Rodrigo. Produção de conhecimentos sobre o lazer na América Latina: Desafios e perspectivas. In: ISAYAMA, Hélder Ferreira; OLIVEIRA,



Marcus Aurelio Taborda de (Org.). **Produção de conhecimento em estudos do lazer:** Paradoxos, limites e possibilidades. 1. ed. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2014. p. 113-137.

MAGNANI, J. G. **De perto e de dentro:** notas para uma etnografia urbana. *Revista Brasileira de Ciências Sociais*, v. 17, n. 49, p. 11-29, 2002.

MARTINS, Leda. Performances da oralitura: corpo, lugar da memória. *Letras*, n. 26, p. 63-81, 2003.

NUNES, Raquel Rocha. **Lazer, resistência e cultura no contexto urbano:** dos tambores e ritmos africanos ao Festejo do Tambor Mineiro. 2020. Dissertação (Mestrado em Estudos do Lazer) – Escola de Educação Física, Fisioterapia e Terapia Ocupacional, Universidade Federal de Minas Gerais, 2020

ROSA, Maria Cristina. Festa. In: GOMES, Christianne Luce (Org.). **Dicionário Crítico de Lazer**. 1. ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2004. p. 88-93.